



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13219 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Leitura, Mediação e Comunidade: formas de vida nas bibliotecas comunitárias

Sofia Tessler de Sousa - PPGEDU/UFRGS

Rosa Maria Bueno Fischer - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

LEITURA, MEDIAÇÃO E COMUNIDADE:

Formas de vida nas bibliotecas comunitárias

Resumo: O presente trabalho, relativo a uma pesquisa de mestrado em andamento, busca aproximar-se de algumas das questões de nosso tempo, reconhecendo a presença marcante das bibliotecas comunitárias no cenário brasileiro. Interroga-se sobre os modos como as mediadoras de leitura dão vida às bibliotecas, na relação com a comunidade. Estabelecendo articulações entre arte, educação e filosofia, a pesquisa trata de quatro bibliotecas da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, chamada *Beabah!*, a fim de escutar as mediadoras em torno das experiências de leitura em seus contextos de atuação. Trata-se de uma pesquisa no campo da educação, de abordagem qualitativa e que recorre aos procedimentos metodológicos da cartografia e da montagem. Buscou-se acompanhar a atuação das mediadoras junto à comunidade, o que nos levou a desdobrar três dimensões do trabalho: o enraizamento comunitário, a experiência de leitura e o direito humano à cultura. A partir de entrevistas e da observação participativa, percebe-se que as bibliotecas comunitárias tornam-se pontos de referência para a comunidade e se tornam um espaço efetivamente mobilizador da literatura como forma de vida e abertura à sensibilidade.

Palavras-chaves: Leitura, Mediação, Comunidade, Bibliotecas Comunitárias, Educação

A inseparabilidade entre literatura e vida nos insere em um campo de pensamento cuja complexidade dá lugar aos diferentes modos de se relacionar com a leitura. Para Silvia Castrillón (2011), a atuação das bibliotecárias participa de uma luta ampliada “contra tudo o

que restrinja a liberdade de pensamento e a liberdade de eleger entre opções que possibilitem uma vida digna (...)” (p. 41). Reconhecer “a biblioteca como uma presença” (PETIT, 2019, p. 198), exige um trabalho sensível na direção de tornar estes dispositivos culturais abertos às singularidades dos territórios nos quais se inserem. Nessa via, a democratização da leitura vem sendo uma das lutas das bibliotecas comunitárias, no esforço de garantir não apenas o direito de acesso aos bens culturais, mas também o direito de fazer cultura e de participar das decisões sobre a política cultural.

As bibliotecas comunitárias vêm ganhando espaço nos últimos anos em estudos e discussões no âmbito acadêmico (MAYER, 2021; MADUELL, 2020; MACEDO, 2018). Segundo Machado (2008), as bibliotecas comunitárias são concebidas como um projeto social sem vínculo direto com instituições governamentais, no intuito de trabalhar junto à comunidade na sua emancipação social. Como um dos principais aspectos que caracterizam esses espaços, encontra-se o acolhimento às demandas dos moradores de seus territórios. Por essa via, a participação da comunidade na constituição da biblioteca contribui para o sentimento de pertencimento.

Articuladas em rede, as bibliotecas comunitárias travam uma luta histórica para o fortalecimento de políticas públicas ligadas à formação de leitores. A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias conta atualmente com 130 bibliotecas comunitárias, divididas em 11 redes locais. Referente ao Estado do Rio Grande do Sul, a Rede *Beabah!*, criada em 2009, tem o objetivo de “aproximar projetos de leitura e bibliotecas comunitárias, visando assim sua integração, unificação de causas e movimentos, respeitando a singularidade de cada espaço” (PEIXOTO, 2021, p. 8).

A pesquisa desdobra uma discussão teórico-metodológica com inspiração nos procedimentos da cartografia e da montagem. Podemos pensar na ação de cartografar como um gesto sensível ao mundo. Desse modo, habitar um território e nos deixar atravessar por ele aponta para um movimento ético de porosidade (COSTA, 2020). Próxima à cartografia, pensamos na montagem como um método aberto e sensível à dimensão de experiência. Para Elisandro Rodrigues (2020), a montagem é força de pensamento nas articulações entre a escrita, a vida e a educação. Nesse sentido, sem renunciar ao rigor, não se considera o uso de um método para ser aplicado, mas sim aberto à experiência (p. 372).

A partir das narrativas das mediadoras, consideramos três eixos para adentrarmos, quais sejam, o enraizamento comunitário, as experiências de leitura e o direito humano à cultura. Como uma forma de fortalecer os vínculos entre biblioteca e comunidade, o enraizamento exige um trabalho sensível de escuta e de abertura às diferentes formas de habitar uma biblioteca. A partir das narrativas e dos gestos das mediadoras, percebe-se que as bibliotecas se movimentam na direção das pessoas, como nos fala uma mediadora: “o que a gente quer é que os livros cheguem nas pessoas”, ou também, “para montar uma biblioteca, o pré-requisito é tu ser leitor e tu querer aproximar isso das pessoas”. Essas falas apontam para um cuidado com as pessoas, colocando em prática algo que é sinalizado pelo poeta e

fundador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), Sérgio Vaz: “sagrado é o leitor”.

Com o cuidado de não impor a leitura, as bibliotecas são espaços de encontro, de trocas de saberes e práticas, de diversas ações culturais que não se restringem apenas à leitura da palavra. Consideram, assim, que não é um livro na mão de alguém que nos fala da leitura, mas sim os diferentes modos de estar e pensar na relação com os outros, nas formas de se colocar perguntas e exercitar o pensamento crítico, na sensibilidade de olhar para um detalhe e associar a alguma lembrança ou fragmento literário, nas maneiras de se relacionar com a música e com a arte de modo geral.

Para bell hooks (2021), pensar comunidade remete à criação de um espaço de intimidade, em que amor, escuta e solidariedade estejam presentes. Nesse sentido, percebe-se em uma fala de uma mediadora o cuidado com os leitores, sem desassociar a leitura das discussões sociais mais amplas: “como que a gente vai fazer uma mediação de leitura se a pessoa tá lá com a barriga vazia?”. Com inspiração em Paulo Freire, tal questão aponta para um cuidado com a dimensão humana, cuja atuação das mediadoras participa dos diferentes modos de ler e de reler criticamente o mundo.

No que concerne ao direito humano à cultura, Silvio Almeida (2018) nos situa em uma forma de conceber o direito não como um conjunto de normas, mas como possibilidade de existir. A leitura, para ele, tem a ver com as disputas éticas. O ato de ler participa da projeção de possibilidades ainda não concretizadas e que renovam os sentidos da existência (ALMEIDA, 2018). Para que o futuro possa se abrir nessa via, é preciso que haja condições mínimas que assegurem a continuidade do trabalho realizado pelas mediadoras. Para tais profissionais, dentre os desafios, encontra-se a fragilidade das políticas públicas e a não garantia dos direitos de forma igualitária. Articuladas em rede, a incidência política vem sendo um dos eixos de trabalho, de modo a reivindicar políticas públicas efetivas, para além dos recursos através de editais pontuais.

Por fim, nosso interesse em compreender o modo de atuação das mediadoras se consolida pela marcante presença destas profissionais na vida de uma biblioteca. Instigada pela escuta e abertura às singularidades de seus territórios, sobretudo localizados nas periferias urbanas, a pesquisa considera que suas experiências e seus saberes são de extrema importância para o debate no campo da educação. Por essa via, observamos que estas bibliotecas, longe de se restringirem a um lugar para empréstimo de livros, tornam-se pontos de referência cultural, por meio de diversas ações que envolvem a comunidade em todo o processo.

Este estudo buscou escutar as mediadoras de leitura e mobilizar um pensamento em torno dos modos de trabalhar em bibliotecas e torná-las vivas e presentes na vida cotidiana de toda e qualquer pessoa. As conversas com as mediadoras nos apontaram para a importância de ressignificar a biblioteca, como espaço aberto aos diferentes modos de habitá-la. Na fala de uma mediadora, “quem entra na biblioteca não precisa levar um livro para a casa e

tampouco precisa só ficar lendo, é um espaço de encontro também. É um espaço de só estar”. Assim, percebe-se que o cuidado volta-se às pessoas, no respeito às suas singularidades e na escuta de suas histórias, o que contribui para que a biblioteca, na sua dimensão coletiva, seja um ponto cultural de referência no território.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Direito Humano à Literatura. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hbneFlaKwKg&t=1211s>

CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e de escrever - Tradução: Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. Revista Paralelo31 – Pelotas – ed. 15, dezembro de 2020.

HOOKS, bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

MACEDO, Priscila. Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência nas periferias. TCC (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MACHADO, E. C. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MADUELL, Bianka. Bibliotecas comunitárias: espaços de mediação do direito à informação em comunidades periféricas. TCC (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PEIXOTO, Eduardo. In: Beabah! percorrendo territórios e escrevendo histórias. Bibliotecas Comunitárias RS (organizador); ilustrações de Gabriela Brasil – Porto Alegre: [s.n], 2021.

PETIT, Michèle. Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje; tradução de Julia Vidile - São Paulo: Editora 34, 2019.

RODRIGUES, Elisandro. Montagem: por uma escrita em educação – São Leopoldo: Azulejo Arte Impressa, 2020.